

ALFAGUARA

Haruki Murakami

O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação



ALFAGUARA

Haruki Murakami

O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação



ALFAGUARA



Haruki Murakami

**O incolor Tsukuru Tazaki
e seus anos de peregrinação**

Tradução do japonês
Eunice Suenaga



Copyright © 2013 by Haruki Murakami

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original

Shikisai o motanai Tazaki Tsukuru to, kare no junrei no toshi

Capa

Retina_78

Revisão

Juliana Souza

Cristhiane Ruiz

Ana Kronemberger

Coordenação de eBook

Marcelo Xavier

Conversão para eBook

Freitas Bastos

Proibida a venda em Portugal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M944d

Murakami, Haruki, 1949 - O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação [recurso eletrônico] / Haruki Murakami; tradução Eunice Suenaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Alfabara, 2014.

recurso digital

Tradução de: Shikisai o motonai Tazaki Tsukuru to, kare no junrei no toshi

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-348-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção japonesa. 2. Livros eletrônicos. I. Suenaga, Eunice. II. Título.

14-15479

CDD: 895.63

CDU: 821.521-3

O incolor Tsukuru Tazaki
e seus anos de peregrinação

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

De julho do segundo ano da faculdade até janeiro do ano seguinte, Tsukuru Tazaki viveu pensando praticamente só em morrer. Nesse meio-tempo ele completou vinte anos, mas o marco não significou nada em especial para ele. Naquela época, acabar com a própria vida lhe parecia a coisa mais natural e lógica a ser feita. Até hoje ele não sabe bem por que não deu o passo derradeiro. Afinal, naquele momento, atravessar a soleira que separa a vida e a morte era mais fácil do que engolir um ovo cru.

Talvez Tsukuru não tenha tentado se suicidar de fato porque seu sentimento em relação à morte era tão puro e intenso que não conseguia conceber na mente uma imagem concreta de uma forma de morrer que estivesse à altura. Uma imagem concreta nesse caso era uma questão secundária. Se nessa hora tivesse uma porta a seu alcance que o levasse à morte, ele certamente a teria aberto sem hesitar. Sem precisar pensar muito, como se fosse uma continuação do cotidiano. Mas, feliz ou infelizmente, ele não conseguiu encontrar tal porta em nenhum lugar próximo.

Deveria ter morrido naquele momento, Tsukuru Tazaki costuma pensar. Assim, este mundo que existe aqui e agora não existiria mais. Isso lhe parece fascinante. O fato de não existir o mundo do agora, o fato de não ser mais real o que aqui é considerado realidade. O fato de que, assim como ele não existiria mais neste mundo, este mundo também não existiria mais para ele.

Mas, ao mesmo tempo, Tsukuru não compreendeu de verdade por que nessa época precisou chegar tão perto da morte, até o extremo. Havia sim uma razão concreta, mas por que o fascínio pela morte era tão intenso, a ponto de envolvê-lo por cerca de seis meses? Envolver: sim, essa é a palavra apropriada. Como o personagem bíblico que foi engolido por uma enorme baleia e sobreviveu na barriga dela, Tsukuru caiu no estômago da morte e passou dias sem ver o tempo passar, dentro de um vazio escuro e estagnado.

Ele viveu esse período como um sonâmbulo, ou como um defunto que ainda não se deu conta de que está morto. Acordava quando o sol se erguia,

escovava os dentes, vestia a roupa que encontrava por perto, pegava o trem para ir à faculdade e anotava as aulas. Como uma pessoa apanhada por um vento forte que se agarra num poste de luz, ele apenas agia seguindo o cronograma à sua frente. Não falava com ninguém a não ser que fosse necessário e, quando voltava para o apartamento onde morava sozinho, ele se sentava no chão, encostava-se à parede e pensava sobre a morte ou a ausência da vida. À sua frente um abismo escuro abria a boca grande que dava diretamente ao centro da Terra. Lá se via o vazio que revolteava na forma de duras nuvens e se ouvia um profundo silêncio que comprimia os tímpanos.

Quando não pensava na morte, ele não pensava em absolutamente nada. Não era tão difícil não pensar em nada. Não lia jornal, não ouvia música, nem sequer sentia desejo sexual. Os acontecimentos do mundo exterior não lhe significavam nada. Quando se cansava de ficar confinado no apartamento, saía e caminhava sem rumo na vizinhança. Ou ia à estação, sentava-se num banco e por várias horas observava os trens partirem e chegarem.

Tomava banho todas as manhãs, lavava a cabeça cuidadosamente e lavava as roupas duas vezes por semana. O asseio era um dos pilares a que ele se agarrava. Lavar roupa, tomar banho e escovar os dentes. Ele quase não ligava para a alimentação. Almoçava no refeitório da faculdade, e fora isso quase não comia direito. Quando sentia fome comprava maçãs ou verduras no supermercado perto de casa e as mordiscava. Ou comia pão de forma puro e tomava leite direto da caixa. Quando chegava a hora de dormir, tomava só um pequeno copo de uísque, como se fosse remédio. Felizmente ele não era resistente a bebidas alcoólicas, e uma pequena dose de uísque o conduzia facilmente ao mundo do sono. Nessa época ele nunca sonhava. Mesmo que tivesse sonhos, mal eles surgiam, já deslizavam pelo declive escorregadio da consciência, rumo ao domínio do vazio.

O motivo que levou Tsukuru Tazaki a ser atraído de modo tão intenso pela morte estava claro. Ele foi informado certo dia pelos quatro amigos íntimos de longa data: nós não queremos mais nos encontrar nem falar com você. De modo categórico, sem margem para concessão, abruptamente. E ele não recebeu nenhuma explicação de por que estava recebendo uma intimação tão dura. Ele também não se atreveu a perguntar.

Os quatro foram seus grandes amigos da época do ensino médio, mas Tsukuru já havia deixado a cidade natal e estudava em uma faculdade de Tóquio. Por isso, mesmo sendo expulso desse grupo, não haveria nenhuma

consequência negativa em seu cotidiano. Não havia risco de deparar com eles na rua e se ver em uma situação embaraçosa. Mas isso era sob o ponto de vista lógico. Justamente pela longa distância que separava Tsukuru dos quatro, a sua dor, pelo contrário, intensificou-se e se tornou mais premente. A alienação e a solidão se transformaram em um cabo de centenas de quilômetros, e um enorme guindaste o puxava impetuosamente. E, por meio desse fio tenso, ele recebia dia e noite mensagens praticamente indecifráveis. Como o vento intenso que sopra entre as árvores, esse ruído ferroava seus ouvidos de modo entrecortado, em intensidades diferentes.

Os cinco foram da mesma classe em um colégio público de ensino médio do subúrbio da cidade de Nagoia. Eram três meninos e duas meninas. Eles se tornaram amigos depois de participarem de uma atividade voluntária no verão do primeiro ano, e, mesmo ficando em classes diferentes nos outros anos, o grupo se manteve igualmente ligado. A atividade voluntária foi uma tarefa de Estudos Sociais das férias de verão do colégio, mas, mesmo depois de terminado o período obrigatório, o grupo continuou as atividades de modo espontâneo, por iniciativa própria.

Além da atividade voluntária, os cinco se reuniam nos dias de folga para fazer caminhadas, jogar tênis, nadar na península de Chita ou estudar juntos para o vestibular na casa de um deles. Ou (na maioria das vezes), sem escolher um local específico, ficavam conversando muito próximos uns dos outros, por horas a fio. Não tinham nenhum tema definido, mas o assunto nunca esgotava.

Os cinco se tornaram amigos por acaso. Havia algumas opções para a atividade voluntária das férias, e uma delas era ajudar uma escola alternativa que reunia alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental que não conseguiam acompanhar as aulas convencionais da escola (na maioria, crianças que se recusavam a frequentar as aulas). Era uma iniciativa organizada por uma igreja católica e, dentre os trinta e cinco alunos da classe deles, somente os cinco optaram por esse programa. Logo no início, eles participaram do acampamento de verão realizado próximo de Nagoia durante três dias e ficaram muito amigos das crianças.

No intervalo entre as atividades do acampamento, eles encontravam tempo para conversar de modo franco, e passaram a entender a visão e o temperamento uns dos outros. Falavam de suas esperanças e revelavam os problemas que enfrentavam. Quando o acampamento de verão chegou ao fim, cada um dos cinco pensou, “Agora estou no lugar certo, em conexão com

companheiros certos. Eu preciso desses quatro, e ao mesmo tempo eles precisam de mim” — tiveram enfim essa mesma sensação de harmonia. Parecia uma feliz fusão química obtida *por acaso*. Mesmo reunindo os mesmos materiais e por mais cuidadosos que fossem os preparativos, provavelmente o resultado jamais seria reproduzido da mesma maneira.

Eles continuaram frequentando a escola alternativa nos finais de semana, mais ou menos duas vezes por mês, para ensinar as matérias escolares e ler livros às crianças, bem como praticar esportes com elas. Além disso, cuidavam do jardim, pintavam o prédio da escola e reparavam os equipamentos de recreação infantil. Eles continuaram com essas atividades durante dois anos e meio, até concluírem o ensino médio.

Só que a combinação de três meninos e duas meninas talvez implicasse, desde o início, alguns elementos de tensão. Por exemplo, se eles formassem dois casais, um acabaria sobrando. Essa possibilidade provavelmente pairava sempre sobre a cabeça deles como uma pequena e dura nuvem no topo de uma montanha. Mas na realidade isso não ocorreu, e não havia nenhum indício de que pudesse ocorrer.

Talvez por uma coincidência, os cinco eram de famílias de classe média alta do subúrbio de uma grande cidade. Os seus pais faziam parte da chamada geração baby boom, e o pai de cada um deles realizava trabalho especializado ou era funcionário de uma grande empresa. Não poupavam dinheiro na educação dos filhos. Os seus lares eram harmoniosos, pelo menos à primeira vista. Nenhum dos pais era separado, e a mãe geralmente passava o dia em casa. Como o colégio preparava os alunos para o vestibular, em geral suas notas eram altas. Em se tratando de condições de vida, os cinco tinham muito mais pontos em comum do que diferenças.

Além disso, fora Tsukuru Tazaki, os outros quatro tinham um pequeno ponto em comum, acidental: o sobrenome continha o nome de uma cor. O dos dois rapazes era Akamatsu — ou “pinheiro vermelho” — e Ômi — “mar azul”. O das garotas Shirane — “raiz branca” — e Kurono — “campo preto”. Somente Tazaki não se encaixava nessa coincidência. Por isso, Tsukuru se sentiu um pouquinho excluído desde o início. Naturalmente, ter ou não o ideograma de cor no nome não tem nada a ver com o caráter. Isso ele sabia muito bem. Mas ele lamentava o fato e, para sua surpresa, sentia até uma mágoa considerável. Como se fosse algo natural, os quatro logo passaram a se chamar pelo nome de cor: “Vermelho”, “Azul”, “Branca” e “Preta”. Somente ele

permaneceu, “Tsukuru”. Como seria legal se eu também tivesse um sobrenome colorido, várias vezes Tsukuru pensou, sério. Assim, tudo seria perfeito.

Vermelho era, de longe, o aluno mais brilhante. Não parecia estudar com especial afinco, mas tirava as melhores notas em todas as matérias. Entretanto, não ficava com nariz empinado por causa disso. Pelo contrário, era atencioso com as pessoas à sua volta e tentava sempre ser discreto, como se tivesse vergonha de sua mente brilhante. Só que, como é comum em pessoas de baixa estatura (ele nunca atingiu mais do que um metro e sessenta), uma vez que tomava uma decisão, tendia a não ceder facilmente, mesmo nos pequenos detalhes. Frequentemente se zangava seriamente com regulamentos sem sentido ou com professores pouco capacitados. Odiava ser derrotado, e quando perdia uma partida de tênis ficava aborrecido. Não que fosse um mau perdedor, mas era visível que passava a falar menos. Os outros quatro achavam graça da sua irritação e costumavam caçoar dele. Até que o próprio Vermelho começava a rir também. Seu pai era professor da faculdade de economia da Universidade de Nagoia.

Azul era atacante do time de rúgbi do colégio e tinha um físico impecável. No terceiro ano já era capitão do time. Tinha ombros largos, peito forte, testa ampla, boca grande e nariz robusto. Era um jogador impetuoso e sempre estava com algum tipo de machucado no corpo. Não tinha muita inclinação para os estudos que exigiam concentração, mas era alegre e muito popular. Falava em um tom de voz sonoro olhando bem firme nos olhos das pessoas. Era tão bom de garfo que causava espanto, e comia de tudo com muito gosto. Raramente falava mal de alguém e logo memorizava o nome e o rosto das pessoas. Ouvia com atenção o que os outros diziam, e era bom em harmonizar o ambiente. Tsukuru lembra até hoje como ele formava uma roda com os jogadores da sua equipe antes de uma partida e os incitava com palavras encorajadoras.

Ele gritava: “Escutem bem, hoje nós vamos ganhar. O que importa para nós é *como vamos ganhar*, e *de quanto vamos ganhar*. A opção de perder não existe para nós. Escutem bem, *a opção de perder não existe!*”

“*Não existe!*”, os jogadores gritavam e se espalhavam pelo campo.

Mas o time de rúgbi do colégio não era especialmente forte. Azul era um jogador habilidoso, e tinha talento esportivo, mas o nível da equipe era mediano. Muitas vezes era facilmente derrotada por um poderoso time de um colégio particular que reunia jogadores bons de todo o país, oferecendo-lhes bolsas de estudo. Mas, uma vez que o jogo acabava, Azul não se importava muito com o resultado. “O importante é a vontade de ganhar”, ele costumava

dizer. “Na vida real, nós não podemos continuar ganhando sempre. Ora ganhamos, ora perdemos.”

— Ou o jogo é adiado por causa de chuva — disse Preta, que era irônica.

Azul balançou a cabeça tristemente. — Isso só acontece com beisebol ou tênis. No rúgbi o jogo não é adiado por causa de chuva.

— Vocês jogam mesmo na chuva? — perguntou Branca, admirada. Ela não tinha interesse nem conhecimento em praticamente nenhum tipo de esporte.

— É isso mesmo — disse Vermelho com ar sério: — Por mais que chova, o jogo de rúgbi nunca é interrompido. Por isso muitos jogadores morrem afogados todos os anos.

— Que terrível! — disse Branca.

— Como você é boba! É claro que ele está brincando — disse Preta, espantada.

— A gente mudou de assunto — disse Azul. — O que eu queria dizer é que ser um bom perdedor também faz parte do espírito esportivo.

— E você treina pra isso todos os dias — disse Preta.

Branca tinha um belo rosto, que lembrava o de uma boneca japonesa antiga; era alta e magra e tinha corpo de modelo. Seus cabelos eram longos, brilhantes e muito negros. Muitas pessoas que cruzavam com ela na rua viravam-se automaticamente para vê-la. Mas ela dava a impressão de não saber muito bem o que fazer com a própria beleza. Era muito séria e não gostava de chamar a atenção das pessoas em nada. Tocava piano de modo habilidoso e belo, mas jamais mostrava seu talento na frente de desconhecidos. Entretanto, parecia bastante feliz quando dava aulas de piano pacientemente às crianças na escola alternativa. Nunca antes, em nenhum lugar, Tsukuru tinha visto Branca tão alegre e descontraída. Algumas crianças talvez não tenham inclinação para o estudo convencional, mas possuem talento natural para música, ela disse, e é uma pena que esse dom permaneça na obscuridade. Mas na escola alternativa só havia um piano vertical, que era quase uma antiguidade. Por isso os cinco se empenharam em arrecadar doações para comprar um piano novo. Nas férias de verão todos eles fizeram trabalhos temporários. Visitaram empresas de instrumentos musicais para pedir colaboração. Depois de muito esforço, conseguiram finalmente adquirir um piano de cauda. Foi na primavera do terceiro ano do ensino médio. Esse trabalho voluntário persistente chamou atenção, virando inclusive matéria de jornal.

Branca normalmente falava pouco, mas adorava animais. Quando o assunto era cães e gatos, passava a falar com entusiasmo, mudando completamente sua fisionomia. Dizia que seu sonho era ser veterinária, mas Tsukuru não conseguia de jeito nenhum imaginá-la abrindo a barriga de um labrador com um bisturi afiado, ou enfiando a mão no ânus de um cavalo. Na faculdade, ela naturalmente teria de passar por essas práticas. Seu pai tinha uma clínica de ginecologia e obstetrícia na cidade de Nagoia.

Quanto a Preta, ela não se destacava pela beleza, mas tinha uma fisionomia expressiva e charmosa. Era alta e gordinha e, já aos dezesseis anos, tinha seios grandes. Era bastante independente, tinha caráter forte, falava rápido e pensava quase na mesma velocidade da fala. Tirava excelentes notas nas matérias de humanas, mas as de matemática e física eram lamentáveis. Seu pai tinha um escritório de contabilidade em Nagoia, mas ela provavelmente não seria capaz de ajudá-lo. Tsukuru muitas vezes a auxiliava nas lições de casa de matemática. Preta costumava ser muito irônica, mas tinha um senso de humor franco e peculiar, e conversar com ela era divertido e estimulante. Era uma leitora ávida e sempre estava com algum livro debaixo do braço.

Branca e Preta estudaram na mesma classe também no segundo ciclo do ensino fundamental, e antes mesmo de os cinco formarem o grupo elas já se conheciam muito bem. As duas compunham uma cena encantadora: uma com talento artístico mas tímida e excepcionalmente linda, e a outra, comediante, sagaz e irônica. Uma combinação única e atraente.

Somente Tsukuru Tazaki não possuía nenhuma peculiaridade ou individualidade marcantes naquele grupo. Suas notas eram um pouco acima da média. Não tinha especial interesse pelos estudos, mas sempre prestava muita atenção nas aulas e nunca deixava de fazer os exercícios e as revisões mínimas para seguir adiante. Desde pequeno, por alguma razão, mantinha esse hábito, que para ele era como o de sempre lavar as mãos antes das refeições e escovar os dentes depois. Por isso, apesar de nunca ter tirado notas que chamassem atenção, alcançava a nota mínima para passar em todas as matérias. Desde que não causasse problemas, seus pais também não pegavam no pé dele em relação a notas escolares nem o obrigavam a frequentar cursinhos ou a ter professores particulares.

Não é que não gostasse de esporte, mas não o praticava regularmente, fazendo parte de alguma equipe do colégio; uma vez ou outra jogava tênis, uma vez ou outra esquiava, e uma vez ou outra nadava na piscina com os familiares ou amigos. E só. Seu rosto era bem proporcionado, as pessoas também

comentavam isso de vez em quando, mas, resumindo, isso significava apenas que ele *não possuía nenhuma falha particular*. Muitas vezes ele mesmo sentia um terrível tédio quando via seu rosto no espelho. Não tinha interesse profundo por artes, nem tampouco possuía hobbies ou habilidades especiais. Era do tipo que falava pouco, ficava logo enrubescido, não era muito sociável e se sentia desconfortável na presença de pessoas que não conhecia direito.

Se fosse preciso apontar algo que o diferenciasse, seria possível dizer que sua família era a mais próspera entre as cinco, e sua tia por parte de mãe era uma atriz das antigas que, apesar de discreta, tinha o nome razoavelmente conhecido pelo público em geral. Mas Tsukuru em si não era dotado de nenhuma característica de que pudesse se orgulhar ou que pudesse exhibir. Pelo menos era assim que ele próprio se via. Era mediano em tudo. Ou sua cor era tênue.

Tsukuru só tinha uma característica que talvez pudesse ser chamada de hobby: ele gostava acima de tudo de observar estações de trem. Ele não sabe dizer ao certo por quê, mas, desde que se conhece por gente, sempre teve esse fascínio. Sejam estações gigantescas de trem-bala, pequenas estações de linha de via única do interior ou terminais voltados somente ao transporte de carga, bastava que fossem estações ferroviárias. Tudo o que dizia respeito a alguma estação o atraía fortemente.

Quando pequeno, era fascinado por ferromodelismo como outras crianças, mas não se interessava por locomotivas ou vagões de trem sofisticados, nem por trilhos que se estendiam cruzando-se de forma complexa, nem por dioramas criativos, mas sim por modelos de estações simples, colocados como acessórios. Ele gostava de ver os trens passando por essas estações, ou diminuírem a velocidade aos poucos até pararem na plataforma. Imaginava os passageiros indo e vindo, ouvia os anúncios das estações e os apitos dos trens de partida, e visualizava os movimentos dinâmicos dos funcionários. A realidade e a imaginação se misturavam na sua cabeça e ele chegava a tremer de tanta excitação. Mas não conseguia explicar de modo racional a pessoas ao seu redor por que sentia tanta atração por estações ferroviárias. Mesmo que conseguisse, provavelmente acabaria sendo considerado uma criança diferente. O próprio Tsukuru pensava às vezes que talvez possuísse uma parte *que não fosse normal*.

Apesar de não ter nenhuma peculiaridade ou características marcantes, e apesar da tendência de sempre almejar o nível mediano, ele tinha (ou *parecia ter*) algo um pouco diferente das pessoas ao redor, que não pode ser considerado muito normal. A autoconsciência que encerrava esse tipo de

contradição lhe causou transtorno e confusão em vários momentos da vida, desde a infância até hoje, aos trinta e seis anos. Ora de modo sutil, ora de modo relativamente profundo e forte.

Às vezes Tsukuru não entendia por que ele fora aceito naquele grupo de amigos. Será que eles precisam de mim no *verdadeiro sentido* da palavra? Os outros quatro não iriam se divertir mais, de forma mais descontraída, sem mim? Por alguma razão eles apenas não perceberam isso ainda, não seria isso? Não seria questão de tempo até eles se darem conta disso? Quanto mais pensava, mais confuso Tsukuru Tazaki ficava. Buscar o próprio valor se assemelhava a medir uma matéria sem unidade. O ponteiro da balança nunca parava num número específico.

Mas os outros quatro pareciam não estar nem um pouco preocupados com isso. Aos olhos de Tsukuru, eles pareciam realmente se divertir quando os cinco se reuniam e realizavam as atividades juntos. Tinha de ser todos os cinco juntos. Não podia sobrar nem faltar ninguém, assim como um pentágono é formado por cinco lados de igual comprimento. O rosto deles demonstrava isso com clareza.

Naturalmente Tsukuru Tazaki se sentia feliz e orgulhoso de ser uma peça indispensável daquele pentágono. Ele gostava dos outros quatro de coração e amava mais que tudo a unidade que existia entre eles. Assim como uma árvore jovem suga os nutrientes do solo, Tsukuru absorvia desse grupo o sustento necessário da adolescência, digerindo-o como um importante alimento para o crescimento, ou reservando-o e acumulando-o no seu interior como fonte de energia numa emergência. Apesar disso, ele sempre manteve no fundo do coração um temor de que poderia se perder ou ser excluído daquele círculo íntimo e acabar sozinho, abandonado. Quando se separava dos outros e ficava só, frequentemente essa preocupação mostrava as caras como uma rocha sombria e funesta que desponta na superfície do mar na vazante.

*

— Então você gosta de estações desde pequeno? — Sara Kimoto perguntou. Parecia impressionada.

Tsukuru assentiu cautelosamente. Ele não queria que ela o considerasse um daqueles nerds obcecados que com frequência encontrava nas faculdades de

engenharia e no trabalho. Mas, afinal, talvez ele fosse mesmo um deles. — É, desde pequeno eu gosto de estações, não sei por quê — admitiu.

— Parece uma vida bastante consistente — ela disse. Dava a impressão de achar aquilo engraçado, mas ele não notou nenhum tom negativo em sua voz.

— Mas não consigo explicar direito por que estações.

Sara sorriu. — Deve ser o que chamam de vocação.

— Pode ser — disse Tsukuru.

Por que será que acabamos chegando a esse assunto, Tsukuru pensou. *Aquilo* tinha acontecido fazia tanto tempo e, se fosse possível, gostaria de apagar completamente da memória. Mas, por alguma razão, Sara quis saber dos acontecimentos da época do ensino médio. Que tipo de aluno era, e o que fazia. Quando percebeu, pelo fluxo natural da conversa, ele estava contando sobre esse grupo íntimo de cinco. Sobre os quatro coloridos e o incolor Tsukuru Tazaki.

Os dois estavam em um pequeno bar afastado da estação de Ebisu. Haviam planejado jantar em um pequeno restaurante japonês que Sara conhecia, mas, como ela disse que almoçara tarde e estava sem apetite, cancelaram a reserva e resolveram petiscar queijos ou castanhas e tomar um drinque em algum outro lugar. Tsukuru também não sentia muita fome, e não se opôs. Ele sempre fora de comer pouco.

Sara era dois anos mais velha que Tsukuru e trabalhava em uma grande agência de viagens, onde cuidava dos pacotes de viagens internacionais. Naturalmente, ia muito ao exterior. Tsukuru era empregado de uma companhia ferroviária, no setor responsável por projetos e gestão de estações na região oeste de Kanto (uma profissão ideal). Não tinham relações diretas, mas ambos eram profissionais da área de transportes. Foram apresentados na festa de inauguração da nova casa do chefe de Tsukuru, onde trocaram endereços de e-mail. Agora, já estavam no quarto encontro. No encontro anterior, depois de jantarem, foram ao apartamento dele e fizeram sexo. Até aí havia sido uma sequência bem natural de eventos. E o encontro de hoje acontecia uma semana depois. Era uma fase delicada. Se continuar assim, a relação dos dois provavelmente irá ficar mais séria. Ele está com trinta e seis anos, e ela, com trinta e oito. Naturalmente, não era mais um namoro de adolescentes.

Desde o primeiro encontro, Tsukuru inexplicavelmente gostou dos traços do rosto dela. Ela não era bonita no sentido convencional da palavra. As maçãs sobressalentes do rosto a faziam parecer obstinada, e o nariz era fino e um pouco arrebitado. Mas havia *certa* vivacidade nos seus traços que chamou sua

atenção. Os olhos dela normalmente eram pequenos, mas quando tentavam ver algo se arregalavam de súbito. E surgia um par de pupilas negras e curiosas que nunca se intimidavam.

Tsukuru não tem total consciência disso, mas há em seu corpo uma parte extremamente sensível, em algum lugar nas suas costas. É uma parte macia e sutil que as suas mãos não alcançam, e normalmente fica encoberta por algo e não pode ser vista facilmente. Mas, quando menos se espera, ela fica exposta por alguma razão e, se o dedo de alguém a pressiona, algo no seu interior começa a funcionar, e uma substância especial é secretada dentro dele. Ela se mistura com o sangue e é transportada para todas as partes do corpo. A sensação de estímulo que é gerada nesse momento é física, mas ao mesmo tempo mental.

Quando encontrou Sara pela primeira vez, ele teve a sensação de que esse botão das costas fora pressionado firmemente por um dedo anônimo que se estendia de algum lugar. No dia em que se conheceram, os dois conversaram por um bom tempo, mas ele não se lembra direito do que falaram. Só se lembra da sensação nas costas que o deixou surpreso, e de um conseqüente estímulo curioso provocado na sua mente e no seu corpo, inexplicável em palavras. Uma parte se afrouxava, e outra parte era comprimida. Foi essa a sensação. Afinal, o que isso significa? Tsukuru Tazaki continuou pensando no seu significado por alguns dias. Mas, por natureza, ele não era bom em pensar sobre coisas que não têm forma. Tsukuru, então, escreveu um e-mail convidando-a para jantar fora. Para descobrir o significado dessa sensação e desse estímulo.

*

Assim como gostou da aparência da Sara, ele teve boa impressão das roupas que ela usava. Possuíam poucos adornos, e o corte era natural e bonito. E se ajustavam bem ao corpo dela, parecendo confortáveis. Davam a impressão de serem simples, mas até ele percebia facilmente que ela devia ter gastado um valor considerável por elas e um bom tempo para escolher cada uma. Os acessórios e a maquiagem também eram elegantes e discretos, combinando com as roupas. Tsukuru mesmo não era do tipo que ligava muito para roupas, mas desde pequeno gostava de ver mulheres que se vestiam bem. Assim como de apreciar belas músicas.

As duas irmãs mais velhas dele também gostavam de roupas e, quando eram mais novas, antes de sair para um encontro elas pegavam o pequeno Tsukuru e perguntavam a opinião dele sobre os trajes. Por alguma razão, levavam aquilo bem a sério. O que você acha dessa roupa? Essa combinação está boa? Toda vez ele era sincero, como se fosse um adulto. Na maioria das vezes elas acatavam a opinião do irmão menor, o que o deixava satisfeito. Sem perceber, ele havia adquirido esse tipo de hábito.

Enquanto bebericava silenciosamente seu *highball* com pouco uísque, Tsukuru imaginava o momento em que tiraria o vestido de Sara. Desabotoaria o gancho e abaixaria delicadamente o zíper. Só haviam transado uma vez, mas o sexo com ela fora agradável e pleno. Vestida ou despida, ela parecia ser cinco anos mais nova do que realmente era. A pele era branca e os seios não eram grandes, mas tinham um formato arredondado e bonito. Foi formidável acariciar com calma a pele dela, e, depois de gozar, ele foi tomado por uma sensação de paz enquanto a abraçava. Mas claro que isso não bastava. Ele sabia. Era um relacionamento entre duas pessoas. Se recebesse algo, teria de oferecer algo em troca.

*

— Como foi a *sua* época no colégio? — perguntou Tsukuru Tazaki.

Sara balançou a cabeça. — Não quero falar sobre isso. É um assunto bem chato. Posso te contar um dia, mas agora eu quero saber de você. O que aconteceu com esse grupo de cinco amigos?

Tsukuru apanhou um punhado de nozes e comeu algumas.

— Entre nós, havia alguns acordos implícitos que não eram expressos em palavras. Um deles dizia: “Na medida do possível, vamos agir os cinco juntos. Vamos procurar evitar, por exemplo, que apenas duas pessoas façam algo juntas.” Caso contrário, o grupo poderia se desfazer aos poucos. Nós tínhamos que formar uma unidade centrípeta. Como posso dizer, a gente procurava manter algo como uma comunidade que se harmoniza de forma ordenada.

— Uma comunidade que se harmoniza de forma ordenada? — O tom pareceu de pura surpresa.

Tsukuru enrubescou um pouco. — A gente estava no colégio, e pensava em muitas coisas esquisitas.